

Recebido em fev. 2014

Aprovado em jun. 2014

**A INFLUÊNCIA PLATÔNICA NA ESPIRITUALIDADE NO
TRABALHO PROPOSTA POR SIMONE WEIL**

DÉBORA MARIZ *

RESUMO

Simone Weil compreende o trabalho como a única conquista espiritual não contemplada pelos gregos, apesar disso, a filósofa francesa encontrou na própria tradição grega, como na noção de limite e ilimitado, presente no pensamento platônico, importantes elementos para propor um paradigma de trabalho que resgate a noção de bem e de mundo como ordem. Este artigo analisa em que consiste a proposta weiliana de ressignificação do trabalho e em que medida ela foi influenciada pelo pensamento platônico.

PALAVRAS-CHAVE

Simone Weil. Platão. Trabalho. Espiritualidade.

* Doutoranda bolsista em Filosofia Contemporânea pela
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG.

ABSTRACT

Simone Weil understands work as the only spiritual conquest not contemplated by the Greeks, despite this, the French philosopher has found itself in the Greek tradition, as the notion of limit and unlimited, present in Platonic thought, important elements to propose a paradigm of rescue work the notion of the world as well and order. This article examines what is the Simone Weil's proposal for redefinition of work and to what extent it was influenced by Platonic thought.

KEYWORDS

Simone Weil, Plato. Work. Spirituality.

INTRODUÇÃO

Refletindo sobre os problemas de sua época, especialmente sobre a opressão operária, o movimento sindical e os desdobramentos do marxismo, Simone Weil¹ (1909-1943) buscou, a partir da tradição, uma compreensão do mundo nova e uma radical conversão do indivíduo para um nível espiritual de vida.

A filósofa francesa confere a Platão o estatuto de “místico autêntico e até mesmo o pai da mística ocidental”², compreendendo as obras platônicas como o único testemunho integral que restou da espiritualidade grega³. Isso porque a noção weiliana de mística está enraizada no conceito de mediação entre as coisas humanas e divinas. SW encontra no termo grego *metaxú*, traduzido por intermediário e frequentemente utilizado nos textos platônicos⁴, a chave de leitura do mundo, a saber, a relação entre

¹ Simone Weil não possui um pensamento sistemático e acabado. Escreveu em forma de ensaios e cartas que foram organizados por amigos e familiares. A maior parte de sua obra foi publicada postumamente e ainda não foi finalizada; está sob organização da editora Gallimard. Suas obras publicadas são intituladas *Oeuvres Completes* e, até o momento, consistem em seis tomos distribuídos em 17 volumes. Utilizaremos nas citações a abreviatura dos títulos das obras de Simone Weil constituída das letras iniciais do texto em francês, conforme bibliografia primária, seguido da indicação da página.

² S. Weil, *La Source Grecque*, Gallimard, Paris, 1953, p. 80.

³ Para Simone Weil, a espiritualidade dos pitagóricos deve ter sido muito mais bela do que a de Platão, mas deles só nos chegaram fragmentos (Deus em Platão).

⁴ O termo *metaxú* aparece em diversos textos platônicos como: *República*, *Leis*, *Filebo*, *Banquete* e *Fedro*.

necessidade e bem no mundo. Na compreensão weiliana, “a sabedoria de Platão não é uma filosofia, uma procura de Deus pelos meios da razão humana, mas uma orientação da alma em direção à graça”⁵. Essa orientação, explica Rey Puente⁶, ocorre quando somos capazes de discernir o necessário do Bem. E os homens tenderiam naturalmente ao Bem, na medida em que esse é o objeto de desejo natural da alma humana (*Simpósio*, 205e-206a; *República*; 505d-e), não fossem os dois grandes obstáculos à purificação necessária para o homem, a saber: o seu próprio corpo e a sociedade. Sendo assim, o que os homens verdadeiramente buscam só pode ser alcançado em Deus.

Apesar da forte influência dos textos platônicos no pensamento weiliano, não podemos considerá-la uma platonista em sentido estrito, pois ela se apropria de determinadas passagens do filósofo grego de maneira muito peculiar, utilizando-as para pensar os problemas de seu tempo e não precisamente para fazer uma hermenêutica fidedigna ao texto original⁷. O objeto de nossa investigação será, assim, o Platão de Simone Weil em sua proposta de ressignificação do trabalho. Para tanto, faremos referência a determinadas passagens dos textos platônicos: *República* (ideia de Bem), *Banquete* e *Fedro* (ideia de Belo), *Filebo* e *Górgias* (noção de limite), além do *Timeu* (noção de ordem do mundo).

⁵ S. Weil, *La Source Grecque*, p. 89.

⁶ REY PUENTE, F. *Exercícios de Atenção*, p. 28.

⁷ Cf. NARCY, Michel. *The limits and significance of Simone Weil's Platonism*, 2004, p. 30.

Em uma passagem ⁸, escrita em 1930, para seu *Diplôme d'Études Supérieures*, Simone Weil explicita que a sabedoria reside no trabalho, no conhecimento realizado pela nossa própria ação, daí a valorização do trabalho operário e a espiritualidade presente nele – é no trabalho que o mundo aparece ao homem. A filósofa afirma, fazendo alusão ao livro VII da *República*, de Platão: o trabalhador sai da caverna enquanto trabalha, diferentemente de muitos teóricos da academia que permanecem num jogo de sombras (OC I, 136-137).

Isso porque na perspectiva weiliana, todo conhecimento é mediado pela experiência para ter uma existência real e não ser mera ilusão (OC I, 192); mesmo o homem mais sábio, diz Simone Weil, não pode conhecer nenhum objeto senão por intermédio de seu próprio corpo (OC I, 129). Diferente da percepção que nos invade de maneira imediata, a filósofa explica que o trabalho é algo construído por nós na relação com o mundo, por isso é mediado por uma série de ações que o constituem (OC I, 125). O trabalho é o ato do espírito pelo qual o homem pode mudar voluntariamente a matéria pelos movimentos do corpo (OC I, 249), sendo ato de submissão consciente à necessidade (OC II, 2, 92). A vida humana implica esforço físico, dor e submissão à matéria, submissão aqui entendida como consentimento a esta necessidade (*ananké*) que rege a ordem do mundo,

⁸ Interessante notar que desde os escritos iniciais de Simone Weil, durante sua formação acadêmica em Filosofia, o trabalho já era um tema central de sua reflexão. Cf. OC I, 217 : «Les travailleurs savent tout ; mais hors du travail ils ne savent pas qu'ils ont possédé toute la sagesse».

mas que em nada se assemelha à humilhação, nem à submissão moralmente degradante de um homem a outro homem. Para Simone Weil, realidade e necessidade são sinônimos, pois tudo que é real está sujeito à necessidade⁹.

Profunda conhecedora e admiradora dos gregos, SW compreende o trabalho como a única conquista espiritual não contemplada por eles, visto que o produzir era concebido como uma atividade menor, própria dos escravos. O trabalho é compreendido pela pensadora como a atividade por excelência do mundo moderno e, para ela, os problemas da modernidade nascem do esquecimento moderno da função do trabalho, a saber, sua função espiritual¹⁰.

Vale ressaltar que para Simone Weil, o trabalho não se define pela finalidade, i.e. não é resultado de algo, embora a filósofa saiba que os trabalhadores submetidos a condições desumanizantes em seus postos de trabalho agem com a finalidade de existir (comer para trabalhar e trabalhar para comer), pois perderam sua capacidade de contemplar a ordem do mundo (CO, p.418). Para a filósofa francesa, o trabalho é ato do espírito enquanto age e é regido pela necessidade inscrita nas leis da física que regem a matéria. O corpo em trabalho é a unidade mediadora entre o espírito e o mundo, pois o espírito por si só não poderia nos ser imediato, dada nossa condição finita e o espírito é infinito, mas unido ao corpo torna-se coisa finita que encontra na ordem a imagem dessa passagem (contraditória) do infinito ao finito (OC I, 237-241) e pode contemplar a beleza do mundo.

⁹ Essa afirmação é expressa tanto em seus escritos iniciais (cf. OC I, 376), quanto finais (cf. OL, 178).

¹⁰ Cf. CHENAVER, 2001, p. 453.

Podemos dizer que Simone Weil almejava transcender a realidade sensível ao contemplar nela a própria realidade espiritual, professando “uma metafísica, por assim dizer, encarnada na imanência”¹¹. Para nossa pensadora, “o platonismo não pode ser completo se não permite uma filosofia e uma espiritualidade do trabalho, e o materialismo não pode ser consistente se rejeita a realidade do sobrenatural”¹².

1 A CRÍTICA WEILIANA AO TRABALHO OPERÁRIO NA MODERNIDADE

A crítica weiliana ao trabalho operário deve ser compreendida à luz da própria tradição grega, como na noção de limite e ilimitado presente no pensamento platônico¹³. Simone Weil refere-se em passagens dos seus *Cahiers* aos diálogos *Górgias* e *Filebo*.

¹¹ Cf. REY PUENTE, 2012, p. 36.

¹² Cf. CHENAVIER, 2004, p. 62. Sobre o platonismo weiliano, observa Patterson e Schmidt (2004, p. 82) ser muito comum, no círculo acadêmico, atribuir ao platonismo um menosprezo da corporeidade em detrimento da valorização do imaterial e do espiritual. Isso levou alguns comentadores a considerar erroneamente Simone Weil como pertencente à tradição cristã que levaria a Deus negando o mundo. Para Simone Weil, a mística platônica reside na afirmação do mundo e não sua negação; ela busca a unidade corpo e alma no trabalho como forma de contemplação da beleza do mundo pelos homens – aqui ela remete ao *Fedro* e ao *Timeu*.

¹³ Esta noção de limite e ilimitado também está presente no pensamento atribuído a Anaximando, Simone Weil refere-se ao fragmento A9 & B1 Diels-Kranz, traduzido no *Cahiers* VI, 2, p. 406-407 dessa maneira: “Le principe et l’élément des choses est l’indéfini... À partir de là se fait la naissance pour les choses, et la destruction est un retour à cela conforme à la nécessité; car les choses subissent un châtement et une expiation, les unes de la part des autres, pour leur injustice, selon l’ordre du temps.”

No diálogo *Górgias*, ela analisa as analogias da medida e do equilíbrio presente na ordem do mundo; nesse sentido: “aucun developpement *illimité* n’est possible dans la nature des choses, le monde (cosmos!) repose tout entier sur la *mesure* et l’*équilibre*” (C VI, 1, 86). Sobre o *Filebo*, ela refere-se à noção de harmonia como união entre o ilimitado e o limite¹⁴. Para SW, o limite é a lei do mundo manifesto; as coisas são limitadas pelo bem, o que garante o equilíbrio, a harmonia e a proporção na natureza; enquanto o ilimitado levaria à desordem, à desmedida e ao excesso, sendo por isso um mal¹⁵.

A crítica weiliana ao trabalho operário encontra seus desdobramentos na ciência moderna, visto que o ilimitado ou o absoluto no mundo são colocados pelo próprio homem e são fonte de erro humano que se expressa, por exemplo, na busca desenfreada pelo poder e nos desejos ilimitados (OC IV, 1, 183). Para a pensadora francesa, apesar de a ciência moderna promover uma organização mais eficaz do método de trabalho pela simplificação (divisão) dos problemas e favorecer o conhecimento e o desenvolvimento técnico, como proposto pelas regras do método cartesiano, a divisão do trabalho, ilustrada na organização científica

¹⁴ Cf. C VI,2, p. 115-116 e C VI, 3, p. 58.

¹⁵ Cf. C VI, 1, p. 299. A esse respeito afirma Simone Weil nessa passagem: “Chez les grecs, la science de la nature était elle-même un art, avec le monde pour matière et l’imagination pour instrument, consistant, comme les autres arts, en un mélange de la limite avec l’illimité. De là l’accord entre la science et l’art. Chez nous, opposition, parce que notre science analyse. Le Malheur est illimité, la cruauté aussi.”

do trabalho (taylorismo), fragmentou não apenas as etapas do processo de produção, mas também o próprio trabalhador. Tecnicamente, o trabalhador transformou-se em coisa sob o jugo da máquina, e não o contrário, desumanizando o próprio homem. Assim, o trabalhador passou a executar gestos determinados pela necessidade imposta pela máquina (no âmbito da fábrica), sem entender a relação destes com o resultado final de sua ação. A esse respeito, Simone Weil diz: “vivemos num mundo onde nada está na medida do homem; há uma desproporção monstruosa entre o corpo do homem, o espírito do homem e as coisas que constituem atualmente os elementos da vida humana; tudo é desequilíbrio” (OL, 101). Culturalmente ocorreu uma cisão entre pensamento e ação, sendo o pensar executado por técnicos qualificados e cientistas e o agir realizado pelos operários; socialmente, o imperativo econômico impôs um ritmo desenfreado à produção e transformou o trabalho numa repetição de gestos sem sentido para o trabalhador que entrou num ciclo de trabalhar para comer e comer para trabalhar.

Em *A Condição Operária*, Simone Weil ressalta dois fatores presentes no trabalho moderno que afetam diretamente o corpo do trabalhador: o ritmo da atividade e as ordens (CO, 60) e explica a influência da velocidade da ação realizada pelo operário na perda da capacidade de organizar pensamento e ação.

O ritmo imposto pela máquina se torna cadência, diz a pensadora, interdita a reflexão e o sonho e torna o trabalhador uma engrenagem da máquina e não o contrário. Aqui o corpo é compreendido pela

filósofa francesa como obstáculo e limitação do homem em sua dimensão física, às vezes desprovido de alma (por não implicar o pensamento) e destituído de qualquer caráter divino (pela repetição de gestos maquinais, decorrentes da atomização da atividade do trabalhador). Essa dimensão é ilustrada na condição operária em que o trabalhador é reduzido a mero objeto e o corpo do trabalhador está separado de sua alma, ao realizar um trabalho parcelado. Há escravização do corpo e falta de atenção pelo gesto repetitivo. Eis o caráter destrutivo da opressão: dado que à classe privilegiada cabe a atividade do pensamento, resta aos trabalhadores a ação irrefletida sobre o mundo, e não o pensamento.

Considerando essa cisão corpo/alma e pensamento/ação na vida humana, Simone Weil compreende que os homens tendem a buscar compensações para suportarem o vazio de sua existência, seja a conquista de uma melhor condição de vida social (riqueza/herança para os filhos), seja a busca de prazeres fúteis, ditados pela indústria cultural (CO, 421) ou a crença de uma civilização do lazer.

Nenhuma dessas compensações, contudo, é aceita pela pensadora que compreende o corpo como um intermediário (*metaxú*) para o homem estabelecer uma conexão entre os diversos planos da realidade e remediar a cisão existente entre a vida profana e espiritual ou entre o pensar e o agir próprio do trabalho moderno. Em sua *Carta a um Religioso*, ela enfatiza a importância da mediação ao referir-se à tradição grega e sua apropriação pelo cristianismo: “O fato mesmo de

ter traduzido ‘Logos’ por ‘verbum’ indica que algo foi perdido, pois *logos* quer dizer antes de tudo relação, e é sinônimo de *arithmos*, número, tanto em Platão como nos pitagóricos. Relação quer dizer proporção. Proporção quer dizer harmonia. Harmonia quer dizer mediação. Eu traduziria: No começo era a Mediação”. Simone Weil procurava destacar a identidade profunda entre a noção de divindade em Platão e a de Deus para os cristãos¹⁶.

2 A INFLUÊNCIA PLATÔNICA NA ESPIRITUALIDADE NO TRABALHO DE SIMONE WEIL

Apesar de ter consciência da perversão do sentido do trabalho na modernidade, Simone Weil, a espiritualidade no trabalho reside na possibilidade de o homem ter contato com a beleza do mundo (“luz da eternidade”), compreendida como “único caso em que a alma não busca algo no futuro ou no passado, mas no que existe, visto que não deseja nada além daquilo que é” (CO, 418). O belo deve ser aqui entendido não como um meio para outra coisa, mas aquilo que é bom em si mesmo e “a beleza do mundo não é um atributo da matéria ela mesma. É uma relação do mundo à nossa sensibilidade, essa sensibilidade que tem a estrutura de nosso corpo e de nossa alma” (OC IV, 1, 303).

A beleza é o próprio limite de nossa condição humana, enquanto criatura de Deus, a esse respeito a filósofa afirma a identidade da beleza do mundo com aquela mesma de Deus, assim como a beleza do corpo humano com seu ser (OC IV, 2, 230). A beleza do

¹⁶ Cf. REY PUENTE, p. 72.

mundo¹⁷ permite contemplar a necessidade presente nele e amá-la (OC IV, 2, 283).

Embora essa beleza seja um mistério, pois ela ultrapassa o limite constitutivo do mundo (finito), ela é um fato na concepção weiliana. Em seus *Cahiers*, a filósofa define a beleza como harmonia entre o acaso e o bem, e nela reside nossa condição de existência enquanto mediação entre o Bem (sobrenatural) e a necessidade (natural)¹⁸ (C VI, 2, 372). Essa definição remete ao *Fedro* de Platão¹⁹, em que o belo é a presença manifesta do real, i.e., de uma realidade transcendente. Nesse sentido, “o belo é o único ser do mundo inteligível que aparece

¹⁷ A respeito da beleza do mundo, a pensadora afirma: « Il est vrai que la matière qui constitue le monde est un tissu de nécessités aveugles, absolument indifférentes à nos désirs ; il est vrai aussi en un sens qu’elles sont absolument indifférentes aux aspirations de l’esprit, indifférentes au bien ; mais en un sens aussi ce n’est pas vrai. (...) Nous sommes régis par une double loi, une indifférence évidente et une mystérieuse complicité de la matière qui constitue le monde à l’égard du bien ; le rappel de cette double loi est ce qui nous atteint au cœur dans le spectacle du beau » (OC IV, 1, 147-148).

¹⁸ Sobre a relação entre necessidade e bem no pensamento weiliano, Rey Puente (2012, p. 83-84) esclarece: “O bem para Simone Weil é sobrenatural. Isso quer dizer que a todo o momento em que julgamos estar diante do bem nesse mundo somos culpados de idolatria, pois nesse mundo é impossível que o bem se manifeste enquanto tal. (...) Ciente de que as coisas sensíveis enquanto tais são reais, mas enquanto bem são irrealis e, por conseguinte, de que é preciso amar as coisas deste mundo como meios e não como fins, podemos então entrever que é por meio do amor à necessidade destituída de fim, que compõe a trama das relações necessárias deste mundo que, paradoxalmente, chegamos a amar Deus.”

¹⁹ Ver *Fedro*, 250d-251b.

aos sentidos” (CVI, 2, 444) e o trabalho físico, na concepção weiliana, permite um contato genuíno com a ordem do mundo, i.e, a contemplação de sua beleza (OC IV, 1, 307).

É preciso a reconciliação do homem com a técnica, pois ele ignorou que “o trabalho, a arte e a ciência são somente diferentes maneiras de entrar em contato com [a ordem divina do universo]” (OL, 156). Isso porque, para nossa pensadora, tal como existe uma ordem na natureza (macrocosmo), existe uma ordem na vida humana (microcosmo).

O corpo em trabalho, compreendido nessa dimensão espiritual, continua a ser governado pela necessidade imposta nas leis físicas do mundo e exige a força física, mas esse esforço é fonte de liberdade, entendida como ato de submissão consciente, ou seja, é obediência a esta necessidade presente na ordem do universo, e não opressão. Para isso, os gestos realizados pelo trabalhador devem expressar a unidade do pensamento com a ação e ser intermediário do mistério presente entre condição corporal do homem e a ordem do universo (Deus). Tal como Platão no *Timeu* (89a), Simone Weil compreende a importância dos movimentos corporais estarem integrados ao pensamento e ao universo, compreendendo essa relação de maneira harmoniosa (ritmada)²⁰.

²⁰ Platão em 89a refere-se aos movimentos do corpo dizendo: “O melhor dos movimentos do corpo é aquele que é produzido por ele próprio e nele próprio – pois é o movimento de natureza mais próxima do pensamento e do universo –, e os produzidos por outra coisa são inferiores; mas de todos, o pior é aquele que, por meio de causas externas, move algumas partes de um corpo em repouso que se mantém estático. É por **[CONTINUA]**”

Mas, de que maneira e sob quais condições o corpo em trabalho pode ser considerado fonte de liberdade e de reconciliação do homem com essa ordem divina do universo?

3 A LEITURA DO MUNDO PROPOSTA POR SIMONE WEIL

O corpo está integrado à natureza, pois é parte integrante da ordem do universo e é um instrumento pelo qual nós interpretamos as sensações, realizando assim a leitura do mundo. O conceito de leitura é fundamental no pensamento weiliano, pois para ela o mundo é um texto pelo qual interpretamos a realidade e passamos de uma significação a outra pelo viés do corpo, tal como da aprendizagem de um alfabeto da língua estrangeira que entra pela mão através do traçado das letras. A leitura é a significação do mundo, mas depende, tal como na analogia da aprendizagem do alfabeto, de um exercício de habituação que altera nossa relação com o mundo.

Simone Weil identifica duas maneiras de mudar a maneira pela qual nós lemos as sensações (1º nível de leitura): pela força e pela aprendizagem; essa mudança ocorre sobre a imaginação (C VI, 1, p.296). No *Ensaio sobre a noção de leitura*, a leitura do soldado ao ver outro homem em tempos de paz é diferente

[CONTINUAÇÃO DA NOTA 20] isso que, entre as formas de purificação e reforço do corpo, a melhor é a que se alcança através da ginástica. A segunda é a que se consegue através das oscilações ritmadas nas viagens de barco ou noutro meio de transporte que nos mantenha livres de fadiga.” Aqui está presente uma forte analogia com Simone Weil, pois ela se refere à noção da bengala do cego e à leitura da tempestade pelo capitão em seu navio.

daquela realizada em tempos de guerra; eis um exemplo de como a força altera a leitura da realidade. Na paz, um soldado não lê um homem como inimigo quando ele está desarmado, mas na guerra isso poderá ocorrer pela leitura que o soldado faz do outro homem e por reagir a essa significação do outro como um inimigo a ser exterminado. Na guerra, o homem está submetido à força e, rebaixado por ela, lê sua derrota, tal como expresso no exemplo do soldado inimigo que se sente humilhado na guerra pelo estratagema criado pelo comandante.

Porém, em seus *Cahiers*, SW afirma que apenas a aprendizagem pode elevar o homem a outro nível de leitura (2º e 3º níveis de leitura) e quem sabe chegar à não leitura, compreendida pela pensadora como a completa integração (harmonia) do homem com a ordem do mundo (C VI, 2, 444).

Essa aprendizagem ocorre essencialmente pela atenção, pois Simone Weil afirma em seus *Cahiers* que aprendemos a ler pela atenção, mas esta se exerce com auxílio de exercícios em que o corpo é fundamental (C VI, 2, 353). O corpo lê a necessidade por trás das sensações, tal como expresso na analogia da bengala do cego e do marinheiro com o barco, os objetos exteriores são prolongamentos do corpo. Mas para isso acontecer é preciso tempo, aprendizagem, hábito, o que SW denominou de “justa disposição interior”, ou seja, aquela que faz a leitura correta do mundo (C VI, 2, 421). Essa disposição é ilustrada pela pensadora no uso de uma expressão popular “c’est le métier qui rentre dans le corps”, o que em português talvez

pudesse ser entendido na expressão “o hábito faz o monge”. Eis o sentido da leitura que o capitão faz da tempestade por meio do barco como prolongamento do seu corpo, assim como a leitura que o cego faz do exterior ocorre na leitura da bengala (C VI, 1, 410).

O processo de habituação consiste na harmonia do corpo com a ordem do mundo, ou seja, é a aprendizagem de um ritmo. Sobre isso, a pensadora diz:

Ritmo. Em todo modo de vida há um ritmo a amar. Toda vida, seja ela artificial, está ligada à rotação diurna do céu e às estações, sem a qual morreria. Por este ritmo, estamos ligados ao sol e às estrelas. Sentir por meio desse ritmo, como a bengala do cego. (C VI, 1, 293).

Essa aprendizagem se dá na própria ação humana, pois ela é prática, exige tempo e implica necessariamente a atenção, ater-se ao momento presente. Nossa filósofa define a atenção como a “única faculdade da alma que faz chegar a Deus” (CO, 430). A atenção permite ao homem entrar em contato com a realidade, excluindo de seu pensamento expectativas futuras ou preocupações pretéritas. Somente assim ele poderá contemplar a ordem do mundo. Ela consiste na aprendizagem capaz de alterar o poder que as sensações, o exterior, têm sobre nós, ou seja, ela altera o modo como o exterior nos modifica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No pensamento weiliano, o corpo em harmonia com a ordem do mundo lê Deus no mundo, através do exercício da atenção. Nesse sentido, é preciso ter a

atenção voltada para Deus, através dos intermediários no trabalho, a matéria é um espelho pelo qual lemos os símbolos escritos na matéria de toda eternidade (OC IV, 1, 423).

Todo o seu esforço exegético ancorado, principalmente, nas obras de Platão, visava, portanto, identificar na herança grega símbolos poéticos, filosóficos ou geométricos que possibilitassem ao homem de hoje ler o seu mundo, tornando-o assim um meio de salvação espiritual ²¹. No caso de Simone Weil, teremos então um platonismo que é essencialmente não dualista e que pensa o ser como mediação, essencialmente voltado para este mundo, refletindo assim profundamente sobre o corpo e sobre a ação política ²².

²¹ Cf. REY PUENTE, *Exercícios de Atenção*, p. 36.

²² Cf. GABELLIERI, p. 78 apud. REY PUENTE, *Exercícios de Atenção*, p. 89.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- WEIL, Simone. *Oppression et liberté*. Paris: Gallimard, 1955. (OL).
- _____. *Écrits de Londres et dernières lettres*. Paris: Gallimard, 1957. (EL).
- _____. *L'Enracinement*. Paris: Gallimard, 1962. (E).
- _____. *La condition ouvrière*. Paris: Gallimard, 1964. (CO).
- _____. *Oeuvres complètes I: Premiers écrits philosophiques*. Paris: Gallimard, 1988. (OC I).
- _____. *Oeuvres complètes II: Écrits historiques et politiques. L'expérience ouvrière et l'adieu à la révolution (juillet 1934 – juin 1937)*. Paris: Gallimard, 1991; v. 2. (OC II, 2).
- _____. *Oeuvres complètes IV: Écrits de Marseille – Philosophie, science et religion, questions politiques et sociales (1940-1942)*. Paris : Gallimard, 2008; v. 1. (OC IV, 1).
- _____. *Oeuvres complètes IV: Écrits de Marseille – Les civilisations inspiratrices : la Grèce, l'Inde et l'Occitanie (1940-1942)*. Paris: Gallimard, 2009; v. 2. (OC IV, 2).
- _____. *Oeuvres complètes VI: Cahiers (1933 – septembre 1941)*. Paris: Gallimard, 1994; v. 1. (C VI, 1).
- _____. *Oeuvres complètes VI: Cahiers (septembre 1941 – février 1942)*. Paris: Gallimard, 1997; v. 2. (C VI, 2).
- CHENAVIER, R. *Simone Weil : une philosophie du travail*. Paris : du Cerf, 2001.
- _____. Simone Weil: completing Platonism through a consistent materialism. In: DOERING, E. J;

SPRINGSTED, E. O. *The Christian Platonism of Simone Weil*. Indiana: Notre Dame, 2004, p. 61-76.

GABELLIERI, Emmanuel. *Simone Weil*. Paris: Eclipses, 2001.

_____. Ontologie de la médiation Simone Weil, le grand passage. In: *Question de n° 97*, Albin Michel, 1994, p. 75-85.

NARCY, Michel. The limits and significance of Simone Weil's Platonism. In: DOERING, E. J; SPRINGSTED, E. O. *The Christian Platonism of Simone Weil*. Indiana: Notre Dame, 2004, p. 23-41.

PLATÃO. *Timeu*. Trad. Rodolfo Lopes. Coimbra: CECH, 2011.

_____. *Filebo*. Trad. Fernando Muniz. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. *Górgias*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000034.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2013.

REY PUENTE, Fernando. *Exercícios de atenção: Simone Weil leitora dos gregos*. São Paulo: Loyola, 2013.